

Olhares sobre o *queer/cuir*  
na tradução ibero-americana

Iván Villanueva-Jordán

[ivan.villanueva@upc.pe](mailto:ivan.villanueva@upc.pe)

<https://orcid.org/0000-0003-1479-1627>

Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, Peru.

Antonio J. Martínez Pleguezuelos

[antmar17@ucm.es](mailto:antmar17@ucm.es)

<https://orcid.org/0000-0002-1732-3178>

Universidad Complutense de Madrid, Espanha.

Tradução: Willian Henrique Cândido Moura

[willianmoura.tradutor@gmail.com](mailto:willianmoura.tradutor@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2675-6880>

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

## 1. (Re)tornar o olhar insubmisso: Jacob Lowland/James S. Holmes/Jim Holmes

*Now when I translated, when Jim Holmes translated, Catullus, he felt that using rhyme for Latin poetry, for classical poetry in general, was barbaric. [...] Now Jacob Lowland, unlike Jim Holmes, loves to rhyme, and so he had a lot of fun doing this*

J. S. Holmes (1989, p. 64)

Na parte final da antologia poética *The Gay Stud's Guide to Amsterdam and Other Sonnets*, escrito por James S. Holmes (Iowa, 1924 – Amsterdã, 1986), mas publicado sob o pseudônimo de Jacob Lowland (1978), está incluído um glossário (“Glossary for Use in Schools”) com termos como: *bitch* (v) [reclamar]; *cruise* (v) [caçar]; *fairy* [bicha]; *trick* [peguete]. Em outra antologia poética, *9 Hidebound Rimes*, dessa vez publicada com um pseudônimo um pouco mais transparente, Jim Holmes (1977), há um índice remissivo: *dudes*, *faggot*, *hard*, *mouth*, *queer*, *topman* são apenas algumas das entradas para transitar pelos textos em rima. A faceta poética de Holmes revela uma dimensão que falta ser difundida nos estudos da tradução: o vínculo profundo relativo ao somático, ao semiótico, ao corpóreo e ao erótico da expressão de sujeitos *queer*. Essa ligação pode ser recuperada no contexto dos estudos *queer* da tradução ou dos estudos da tradução e gênero, refazendo as etapas que permitiram que a tradução e o *queer* se tornassem abordagens transdisciplinares. Em outras palavras, é preciso reconhecer que, embora a tradução seja uma metáfora útil para explorar relações interculturais, traduzir é reescrever, é o contato entre línguas e a comparação intertextual. O mesmo vale para a teoria *queer*, cuja base é constituída

pelas múltiplas formas de expressão da sexualidade humana.

A importância de James S. Holmes para os estudos da tradução é inegável. Snell-Hornby (2006) o descreveu como o pioneiro em sua revisão sobre as viradas da tradução da segunda metade do século xx. Como destacam Daniel Weissbort e Astradur Eysteinnsson (2006, minha tradução), “[s]eu trabalho inovador no campo dos estudos da tradução é simbolicamente refletido no fato de que foi ele quem deu esse nome à disciplina em seu artigo de 1972 ‘The Name and Nature of Translation Studies’” (p. 406). Em 2022, completaram-se exatamente cinquenta anos desde que o referido trabalho foi apresentado no Terceiro Congresso de Linguística Aplicada, que ocorreu em Copenhague, de 21 a 26 de agosto de 1972 (J. S. Holmes, 1988, p. 66). Após meio século de pesquisas, não se pode simplesmente aceitar que o texto de Holmes marque o início irrefutável da tradução como eixo de uma disciplina. De fato, houve diferentes contribuições paralelamente (Gentzler, 2001). Além disso, a reflexão profunda sobre a tradução teve múltiplos (re)começos e continuações em diferentes tradições de pensamento, línguas e países. Como argumenta Brian Baer, o surgimento da disciplina dos estudos da tradução é um pressuposto aceito a partir da confluência saber-poder (Baer, 2020). Desse modo, James S. Holmes continua sendo uma figura significativa para a emergência da disciplina, mas também é importante qualificar a sua contribuição e reavaliar o seu trabalho a partir de perspectivas mais recentes, como os estudos *queer* da tradução.

O artigo “The Name and Nature...” aparece comentado nas diferentes edições do livro de introdução aos estudos da tradução escrito por Munday *et al.* (2022). Na seção sobre o “mapa” de Holmes, percebe-se que as divisões são artificiais. Não obstante, também é destacado que há uma proposta viável de como dividir o trabalho de pesquisa em diferentes subáreas e que a interação entre teoria, descrição e aplicação

era o eixo da disciplina imaginada. “The Name and Nature...” deixou de ser incluído no *The Translation Studies Reader*, a partir de sua terceira edição. Nessa obra, Lawrence Venuti (2021, p. 168) dedica uma breve seção a Holmes para apontar que sua proposta inicial ficou limitada ao tempo, com as novas linhas de pesquisa, o progresso disciplinar das últimas décadas e as diferentes abordagens e perspectivas teóricas que afastam os estudos da tradução da estrutura inicial pensada no âmbito das ciências naturais. É verdade que a visão disciplinar de Holmes apontava para um modelo pós-positivista e que isso é paradoxal considerando a visão que ele próprio tinha da tradução – o metapoema como estrutura profunda, função e representação, e não como um texto equivalente ou fiel (J. S. Holmes, 1988, 1989) – e sua persona descentrada em diferentes versões de si mesmo (James, Jim, Jacob) que apontam mais para uma noção pós-modernista sobre as identidades e a relevância da textualidade (McMartin, 2020). Nesse sentido, é possível entender o mapa inicial como uma visão panorâmica, não restritiva ou exclusiva, o ponto de partida de um desenvolvimento futuro, uma proposta programática e até mesmo uma visão de grupo – “o grupo de Holmes” (Lambert, 2022; Munday & Vasserman, 2022) ou a “escola da manipulação” (Hermans, 1985) –, aberta à interdisciplinaridade e distanciando-se estrategicamente, em busca de independência, dos monopólios da linguística (Lambert, 2022, p. 40).

Além de sua contribuição fundamental para os estudos da tradução, James S. Holmes tem uma faceta pouco conhecida no campo da tradução. Nesse sentido, Christopher Larkosh (2011, p. 3) propõe que a figura de Holmes demonstra a confluência entre a prática da tradução, o gênero e a sexualidade. Contudo, a forma como utilizou a tradução para trabalhar sua experiência e sua identidade, não só como um sujeito gay, mas também como migrante, parece ter ficado omitida de modo sintomático dos estudos da tradução. Por exemplo, Anthony Pym (2018, p. 204, minha tradução)

recupera a figura de Holmes para avaliar a agenda e os caminhos dos estudos da tradução atuais: “Um dos grandes planejadores, é claro, foi James S. Holmes”. Pym reconhece a contribuição para o campo dos estudos gays, mas acrescenta que os estudiosos da tradução estão interessados em outra faceta: “Holmes estava feliz em buscar seus próprios interesses, não importava o quão institucionalmente marginalizados eles fossem. Alguns se lembram dele como o fundador dos estudos gays holandeses, embora a maioria de nós o conheça melhor como um dos fundadores dos estudos da tradução” (Pym, 2018, p. 204, minha tradução). Comparativamente, no livro *Who Is Who in Contemporary Gay and Lesbian History* (Aldrich & Wotherspoon, 2001), há um verbete dedicado a Holmes no qual são apresentados não apenas dados biográficos, mas também sua contribuição para os estudos gays.

Em 1978, ele cofundou uma nova disciplina, os estudos gays holandeses (*homostudies*). Ele ajudou a lançar inúmeras iniciativas acadêmicas e não acadêmicas de emancipação gay, como o *Amsterdam Documentation Centre Homodok* e o jornal gay *Homologie*. Suas oficinas sobre literatura gay no Departamento de Estudos Literários da Universidade de Amsterdã ganharam muito renome. Ele se aposentou em 1985 e morreu em decorrência da AIDS em 1986. James S. Holmes foi enterrado em Amsterdã, cidade que foi sua casa por trinta e seis anos (Keilson-Lauritz, 2001, p. 194, minha tradução).

Apesar disso, embora ainda sejam poucos, foram publicados estudos que retomam a obra de Holmes para propor um olhar *queer*. Entre eles está o trabalho de Elizabeth Lewis (2010) no qual a autora percorre o mapa de Holmes para desenvolver formas de estudar no campo das sexualidades não normativas. Sua proposta delineia as dimensões da proposta de 1972 e as complementa com linhas potenciais de exploração *queer*. No seu projeto sobre as vozes editoriais da revista neerlandesa *Delta* (1958-1974), Elke Brems e Jack McMartin (2020, 2021) destacam o papel de James S. Holmes no espaço dado à criação artística e à poesia experimental.

Os autores constroem um argumento muito poderoso, a partir de paratextos (incluindo uma entrevista de 1984 de Raymond van den Broeck com Holmes), que vincula a visão poética de Holmes como meio de identificar e expressar sua sexualidade. A tradução de poesia torna-se um recurso de construção subjetiva:

E quanto à voz tradutória de Holmes? Além de seu papel de editor, Holmes era um poeta, um acadêmico dos estudos da tradução, um fazendeiro de Iowa que foi viver em Amsterdã, o parceiro de Hans van Marle, um falante nativo de inglês, um homem gay. Todos esses aspectos transparecem em sua voz tradutória. Para Holmes, a poesia estava intimamente entrelaçada com seu próprio despertar sexual e criativo (Brems & McMartin, 2020, p. 342, minha tradução).

Christopher Larkosh (2022), em seu ensaio “James S. Holmes, estudos da tradução e a ética *queer* da primeira pessoa<sup>1</sup>”, argumentou que o conhecimento sobre os estudos da tradução implica também conhecer as dimensões que constituem os sujeitos tradutores, incluindo a dimensão profissional, suas experiências corporificadas, sua transformação cultural e linguística, bem como a expressão de seus mundos internos e seus desejos. Holmes é um caso paradigmático, porque sua obra e sua imagem revelam que os estudos da tradução, tal como são (des)conhecidos agora, sempre se articulam a partir de um lugar transgressor de enunciação, de uma posição *queer*. Por isso, Larkosh desejava “reestabelecer a disciplina de estudos da tradução ao seu pai gay fora do padrão — um *daddy* de Amsterdã que curti couro” (Larkosh, 2022, p. 12). O professor Christopher Larkosh estava preparando uma ampliação desse capítulo em um livro que seria intitulado *The Queerness of Translation* (comunicação pessoal), porém seu falecimento precoce, no início de 2021, deixou esse valioso projeto sem mais notícias.

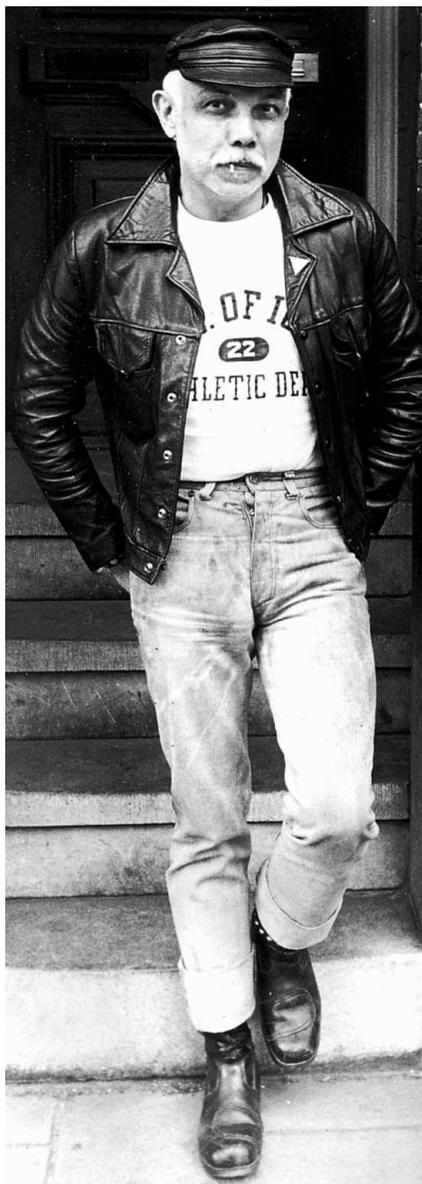
1 (N. T.) Tradução brasileira de André Luís Leite de Menezes Berndt.

Duas fotografias de Holmes são facilmente encontradas na internet, uma na capa do livro *Translation Studies: The State of the Art* (Leuven-Zwart & Naaijken, 1991) e outra que aparece no verbete de Holmes na Wikipedia, tirada por Tom Ordelman. Em ambas, o olhar de Holmes sai de campo e “cruza” em direção a quem está olhando, quase interrogativamente. Alberto Mira (2008) escreveu que, em diferentes disciplinas acadêmicas e científicas, as discussões sobre a homossexualidade têm sido marginalizadas por ideologias específicas de gênero que funcionam como discursos dominantes e se apresentam como discursos de verdade. Diante dessas formas de organização do saber-poder, há a ação de olhar e reconhecer outros olhares, “olhar para as margens do texto e para os textos marginais” (Mira, 2008, p. 22, minha tradução). São olhares insubmissos, que reconhecem sua subordinação, mas também refletem os discursos dominantes. Retornar o olhar, nesse caso, significa construir um “ethos coletivo na tradução” (Spoturno, 2022) e os estudos da tradução a partir da primeira pessoa conforme enunciado por Holmes (Larkosh, 2022).

Começamos este número especial retornando o olhar, reconhecendo nos estudos da tradução as ancoragens de gênero e sexualidades dos sujeitos que pesquisam e dos artefatos estéticos ou culturais analisados.

## 2. Olhares comparativos: traduzir cuir, traduzir desviado, traduzir esquisito, traduzir bicha, traduzir viado

Não são poucas as fontes ou autores que, ao se referirem ao *queer* no limiar do século XXI, consideraram pertinente incluir uma nota de rodapé ou alguma explicação no parágrafo sobre os percursos da palavra *queer* até chegar ao espanhol. É o caso do trabalho de Carlos Fonseca Hernández e María Luisa Quintero Soto (2009), que levantam algumas propostas empregadas para a “tradução” da expressão *queer theory* (*teoría torcida, teoría marica, teoría “entendida”*); entretanto, concluem que “o vocábulo *queer* não tem tradução para o espanhol”, pois “quase sempre se perde o sentido preciso da palavra inglesa, por isso pensamos que é preferível utilizá-la na língua original” (Fonseca Hernández & Quintero Soto, 2009, p. 46, minha tradução). Por sua vez, Ricardo Llamas (1998) afirma que suas reflexões sobre a (homo)sexualidade não são conclusivas. O autor propõe que sua forma de desenvolver ideias parte de um enfoque “invertido”, que seu raciocínio não será “firme” ou sério, e que a teoria proposta “descarrilou” e não seguirá um caminho direto ou reto (*straight*). É mais como “um canto de sereia que desvia quem lhe presta atenção do percurso pré-determinado. Em



2 (N. T.) Essas são algumas das nomenclaturas utilizadas em língua espanhola como tentativas de traduzir a expressão *queer theory*. No Brasil, encontramos, dentre as discussões sobre o tema, a proposta “teoria cu” (Pelúcio, 2014).

suma, a teoria *queer* quer dizer teoria desviada. Ou, se recorrermos à etimologia latina do termo, (*torquere*), simplesmente, teoria distorcida” (Llamas, 1998, p. xi, minha tradução). Dessa forma, as suposições sobre o que a tradução da palavra *queer* implica diferem em ambos os casos. No caso de Fonseca Hernández e Quintero Soto (2009), a tradução é impossível, pois deve ser completa e, possivelmente, unívoca e contida em uma única palavra. No caso de Llamas (1998), sem necessariamente se referir à tradução, o autor se aproxima aos poucos (com palavras como “desviado”, “descarrilado”, “invertido”) a sua própria versão de entender a teoria *queer* como uma teoria distorcida.

Em outras fontes, como o dicionário de Ferran Pereda (2004), há um verbete ilustrado para *queer* (um sujeito com moicano, tatuagens, saia, meia arrastão rasgada, salto alto e praticando um ato de vandalismo). A entrada diz “anglicismo. Poderia ser traduzido como esquisito [*rarillo*], no sentido de marica ou lesbi, com cunho pejorativo” (Pereda, 2004, p. 159, minha tradução). Outra fonte lexicográfica é o *Diccionario gay-lésbico* de Félix Rodríguez (2008), onde estão registrados os verbetes *queer*, *queerización*, *queerizar*, *queerness* e *queerzine*. Quanto à segunda aceção de *queer*, lê-se:

Em um sentido restrito e estrito, homossexual radical. Além da ideia de “viado”, o termo original provém do inglês e também pode significar “esquisito, estranho, curioso, único, misterioso, excêntrico, suspeito, maluco...”. Nesse sentido, é frequentemente usado em ensaios que se referem à cultura homossexual, já que é impossível encontrar uma palavra em espanhol que contemple ambos os significados (Rodríguez, 2008, p. 385, minha tradução).

Javier Sáez del Álamo cumpriu o papel de “pedagogo *queer*” através de suas traduções para o espanhol de diferentes obras de teóricos e teóricas *queer*, como Judith Butler, Jack Halberstam, Lee Edelman, Monique Wittig, entre outros. Por meio do uso quase sistemático de notas do tradutor, Sáez del Álamo conseguiu

relacionar conceitualmente palavras como *queer* com conceitos típicos da teoria escrita em espanhol (Villanueva-Jordán & Martínez-Carrasco, 2021). Ainda, em sua obra própria (Sáez, 2004; Sáez & Carrascosa, 2016), Sáez del Álamo também refletiu sobre a tradução de *queer* para o espanhol. Recentemente, no volume *Barbarismos queer y otras esdrújulas*, ele afirma que:

A palavra *queer* gera problemas de tradução ao espanhol [e ao português<sup>3</sup>], já que em inglês tem forte carga de injúria e insulto, engloba sexualidades diversas e também não possui um gênero concreto. Por outro lado, algumas ativistas e pesquisadoras argumentaram que o uso do termo em inglês nada mais é do que uma forma de colonialismo linguístico e que, além disso, perde valor em seu capital subversivo, já que o insulto homofóbico por excelência em inglês, não o é em espanhol [e em português]. Em algumas áreas, foram feitas tentativas de traduzir *queer* por *transmaricabollo*, por teoria distorcida ou por *cuir*. Nos ativismos e publicações da maioria dos países do mundo, a palavra *queer* permaneceu sem tradução (Sáez, 2017, pp. 386–387, minha tradução).

As aproximações ao *queer* e a sua tradução são variadas. Elas revelam que a intraduzibilidade, como uma forma de “fracasso *queer*” (Halberstam, 2011, 2018) da tradução, desencadeia tentativas malsucedidas de cunhar uma palavra. As decisões de traduzir *queer*, nesse sentido, são situadas, localizadas no contexto de um projeto ou de uma ação para revelar o que foge à norma hétero cis, a princípio. Em um ensaio recente, Facundo Saxe (2022) se referiu às ocorrências do *queer* fora do inglês como “aparições”. Dessa forma, le autore<sup>4</sup> critica a

3 (N. T.) Os problemas de tradução do *queer* para o português podem ser observados nas discussões de Lugarinho (2001), Pelúcio (2014) e Alós (2020).

4 (N. T.) Baseei minha tradução a partir da perspectiva linguística de Schwindt (2020) sobre o gênero neutro no português brasileiro.

ideia de unidirecionalidade dos caminhos teóricos e a metáfora da “importação” da teoria. “Acredito que não há uma única tendência sobre o que acontece com o termo *queer* na América Latina. E, ao mesmo tempo, *queer* tem percursos diferentes, complexos, diversos, tensos, polêmicos, tóxicos, teóricos, acadêmicos e ativistas, na América Latina e na Espanha” (Saxe, 2022, p. 6, minha tradução). As aparições de *queer* podem ser pessoais. Por exemplo, Alfonso Ceballos reconhece uma palavra aproximada em seu ensaio “Teoría rarita”: “Verifiquei como um termo eufemístico dava nome a uma identidade impossível de classificar. De fato, quando entramos no campo da identidade sexual, ‘esquisito’ [*rarito*] é o que não se posiciona com clareza” (Ceballos Muñoz, 2005, p. 165, minha tradução). O *queer* também pode aparecer nas explorações da tradição popular e falada, como Lawrence La Fountaine-Stokes (2007) reconhece na metáfora das aves para se referir à homossexualidade no Caribe e na América Latina, a frase “teoría pata” pode ser um equivalente funcional para a teoria *queer*.

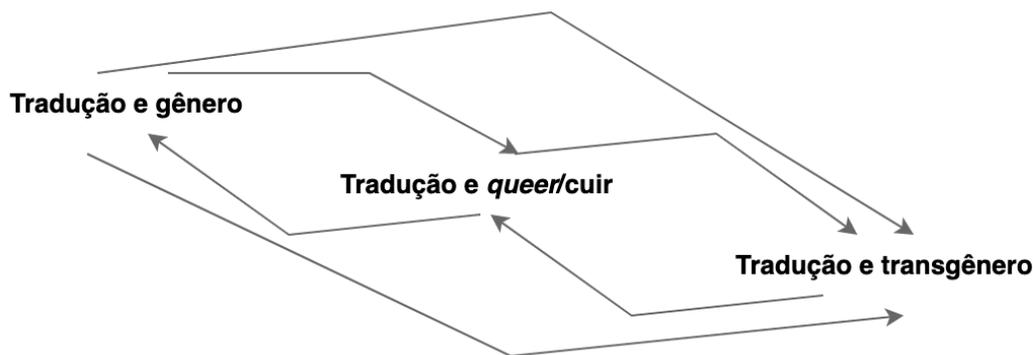
O título deste número especial da *Mutatis Mutandis* parte da proposta de Diego Falconi, Santiago Castellanos e María Elena Viteri (2014) sobre as formas de repensar e questionar o *queer* e, ao mesmo tempo, expressar e se posicionar contra a chegada, transposição e tradução do *queer* “por seu caráter etnocêntrico e sua localização geo-histórica situada no Norte” (p. 10, minha tradução). Ao verbo “repensar” se soma o duplo *queer*/ *cuir*, que mantém o itálico da palavra em inglês e assimila a palavra com “c” como uma forma de negociação do trabalho que vem sendo feito em espanhol e português, da América Latina e da Península Ibérica. Poderíamos optar por qualquer uma das muitas formas de “reapropriação” ou propostas “próprias” para teorizar contra a cisheteronormatividade, de modo que “*cuir*” pode ser lido como “*quir*”, “*viado*”, “*bicha*” ... assim como ser interpretado partindo-se de distintas posições ou da primeira pessoa. Como abordou Llamas, “o termo *queer* só faz sentido quando usado na primeira pessoa. Assim, estamos diante

da constituição de uma identidade sem essência, sem conteúdo substancial. Não se trata mais de definir o que se é, mas de localizar em cada momento onde (em que posição marginal de resistência ao regime) se está” (Llamas, 1998, p. 376, minha tradução). O debate sobre as trajetórias das teorias *queer* e *cuir* não é apenas linguístico, mas também disciplinar (também estão em jogo hierarquias e espaços centrais no âmbito da cidade letrada). Se não há uma história singular, também não há um saber que explique os destinos de gênero e sexualidade nas vidas dos sujeitos. As tensões e contradições do *cuir* também ressoam nos estudos da tradução. “Questionar esses caminhos, em vez de focar nas raízes do *queer*, é, em nossa opinião, uma maneira mais desafiadora, mas, em última análise, mais ética de abordar as oscilações das teorias *queer* ao longo do tempo e do espaço” (Pierce *et al.*, 2021, p. 5, minha tradução).

### 3. Olhares atuais

Douglas Robinson (2019) organizou uma progressão sobre os estudos trans nos estudos da tradução. O autor propõe quatro passos ou etapas, juntamente com uma lista de estudos que considera representativos de cada etapa. Essas etapas demonstram o vínculo interdisciplinar, pois são sempre categorias relacionais (marcadas pela conjunção “e”): 1) tradução e gênero; 2) tradução e identidades gays e lésbicas; 3) tradução e *queer*; 4) tradução e transgênero. No entanto, a divisão entre as etapas 2 e 3 é desnecessária, considerando as primeiras fontes que integraram o conceito de identidade e comunidade gay ao método contrastivo-traduológico, claramente, Eric Keenaghan (1998), Keith Harvey (1998, 2000) e Alberto Mira (1998, 2004). Nessas pesquisas, os autores já incluíam noções sobre performatividade, sobre micropolíticas da escrita e da tradução, e sobre as formas como as identidades sexuais foram construídas em momentos históricos, que se encontravam sempre “localizadas” (La Fountain-Stokes, 2021), e que uma dimensão identitária surgia do contato linguístico, nada disso com fundamentos essencialistas.

Figura 1. Dimensões da tradução queer



Por outro lado, as três dimensões estão em constante retroalimentação (Figura 1). Depois de mais de três décadas de reflexão sobre tradução e gênero — em um campo disciplinar que poderíamos chamar de “estudos de tradução do gênero” (Villanueva-Jordán & Molines Galarza, 2022), à semelhança do que Rita Segato (2010) chamou de “antropologia do gênero” —, a pesquisa sobre as formas de relação entre as posições de gênero, a “generização” dos corpos e a reprodução de práticas simbólicas e sua tradução na realidade vivida pelos sujeitos não parou de influenciar o pensamento sobre as diversidades sexuais (Villanueva-Jordán, 2019). Os estudos *queer* da tradução, então, continuam se baseando nos estudos de tradução do gênero, ao mesmo tempo em que retroalimentam estes últimos ao explorar novas textualidades, como, por exemplo, a tradução audiovisual, um ramo de pesquisa com grande dinamismo e influência de abordagens *queer* (ver Martínez Pleguezuelos, 2018). Por sua vez, o que se poderia entender como estudos *trans\** da tradução — aproveitando o recurso tipográfico proposto por Halberstam (2017) — renova a função crítica das pesquisas sobre gênero e sexualidade, por meio de estudos que destacam a importância de nomear respeitando as subjetividades (López, 2022) e questionando os riscos da violência simbólica quando a diferença é aceita ou tolerada (Martínez Pleguezuelos, 2022; Villanueva-Jordán & Martínez Pleguezuelos, 2022). Dessa forma,

cada categoria relacional (tradução e...) segue em constante desenvolvimento em campos que são parte integrante da disciplina, e que consideramos sempre presentes ali, nos primeiros traços do mapa de Holmes.

Este número da *Mutatis Mutandis* se soma a essa linha de abertura rumo a novas áreas, necessárias e complementares. O primeiro artigo inicia com uma profunda reflexão que nos leva a repensar certos conceitos na prática tradutória, como autoria ou a relação entre o texto de partida e o texto de chegada. A partir de uma revisão da obra menos conhecida de Paul Bowles como tradutor, África Vidal, no artigo intitulado “Translating Invisible Lives: Paul Bowles’ Rewritings of his Moroccan Storytellers”, discute a obra traduzida por Bowles abordando o seu papel como agente visibilizador das obras de tradição oral de escritores marroquinos. Por um lado, a autora considera a reescrita livre e orientalista da sociedade marroquina que Bowles desenha em seus escritos e que vem sendo criticada por diversos teóricos; por outro, a destruição que ele próprio fez de todos os vestígios dos registros originais orais que traduziu. Em sua pesquisa, Vidal parte da reescrita das relações homossexuais que Bowles retrata em seus trabalhos para se interessar em como a tradução se converte em um espaço de conflito e tensão entre a (re)apresentação do Outro e sua aproximação e aceitação por parte da cultura receptora.

O caráter híbrido do espanglês se converte no cerne da proposta de Remy Attig: “Translating the Queerness of Spanglish in Audiovisual Contexts”. A crescente representatividade de personagens latinos em produtos audiovisuais dos Estados Unidos tem promovido o espanglês, entendido tanto como um meio de comunicação quanto como um signo representativo dessas comunidades. A tradução desse material em um contexto midiático e midiaticado cada vez mais globalizado é um desafio devido às implicações identitárias que carrega consigo. Attig, retomando o trabalho de Dé-mont (2018) sobre a tradução de textos com conteúdo *queer*, encontra um paralelo na natureza translíngue do espanglês e do *queer* como formas de resistência aos usos normativos da linguagem. Por meio de um referencial teórico inovador, a pesquisa analisa uma série de estudos de caso para extrair e extrapolar as várias estratégias de tradução desenhadas a partir de uma abordagem fundamentalmente sociolinguística com uma reflexão posterior sobre a singularidade dessa forma de discurso.

A pesquisa de Leticia de la Paz de Dios, “The lesbian body in translation: Gender identity and erotism in Adrienne Rich’s poetry”, nos acompanha em um estudo aprofundado da obra teórica e literária da ensaísta Adrienne Rich. Partindo de uma perspectiva crítica, de la Paz de Dios recupera alguns dos textos basais do feminismo escritos por Rich para desvendar, em nível microlinguístico, como a linguagem não apenas descreve e representa o papel e o corpo da mulher em uma sociedade eminentemente patriarcal, mas também entrelaça relações de poder que, de forma velada e despercebida, hierarquizam orientações e desejos sexuais em um sistema supostamente neutro. A partir do estudo de uma seleção de poemas representativos de Rich, o artigo examina como a identidade lésbica é construída ao longo dos versos escolhidos para estabelecer uma comparação com as traduções espanholas que completam o corpus do trabalho. A carga política, contestatória e até ativista dessas reescritas não passa despercebida pela autora,

que acertadamente aponta como as diferentes formas de abordar o texto dão origem a formas divergentes e até opostas de apresentar a mulher, seu corpo e seu desejo (homos)sexual.

Em consonância com o caráter performativo da linguagem do qual brota o artigo anterior, Melina Balcázar estabelece uma profícua comparação entre os romances em espanhol *Las malas* (Camila Sosa Villada) e *La virgen cabeza* (Gabriela Cabezón Cámara) e suas respectivas traduções para o francês, com especial atenção à capacidade da linguagem de transmitir (ou não) a violência exercida sobre determinadas identidades. O estudo de caso apresentado por Balcázar gira em torno da figura da travesti latina em ambos os romances e, de especial interesse para este número temático da *Mutatis Mutandis*, sobre como ela se desloca para um contexto social, cultural e político dominante e distante do ambiente periférico onde nascem os textos originais. De um lado, a análise contrastiva espanhol-francês permite à autora refletir sobre questões de grande importância no campo da tradução *queer*, como a carga pejorativa que, em diferentes línguas e sociedades, continua pesando sobre certas vozes que se referem a identidades não normativas. Essas formas de violência simbólica, ao passarem pelo crivo da tradução, conforme detalha Balcázar, produzem traços semânticos com diversas consequências ontológicas ao reescrever as protagonistas. A autora conclui que, ao mesmo tempo, essas traduções podem ser entendidas como terreno fértil para analisar até que ponto uma voz, uma língua e uma sociedade minoritária podem se fazer ouvir sem se reescrever segundo a norma de uma cultura dominante.

A tradução literária é também o campo no qual Soledad Díaz Alarcón desenvolve “Traducir la ambivalencia y la identidad plural de *Garçon manqué* de Nina Bouraoui”. A partir de uma estrutura teórica enquadrada no que autores como von Flotow (2009) ou Brufau Alvira (2010) definiram como a tradução interseccional da identidade, ou dos sujeitos “atravessados” segundo Vidal (2015), Díaz

Alarcón perscruta os interstícios das sobreposições identitárias que vão se constituindo na protagonista de *Garçon manqué*, formada ao mesmo tempo entre as culturas francesa e argelina e incapaz de se reconhecer em um gênero socialmente atribuído desde o nascimento. A pesquisa esmiúça essa personagem ambivalente por meio de uma meticulosa seleção de algumas passagens da obra que dão conta dessas particularidades identitárias entremeadas. Para fazer isso, a autora usa sua própria proposta de tradução para demonstrar como esta pode ser usada como uma ferramenta subversiva para modelar sujeitos desconstruídos ao mesmo tempo em que visibiliza narrativas identitárias plurais que fogem de classificações sociais ultrapassadas.

Leticia Pilger da Silva e Suéilton de Oliveira Silva Filho traçam em sua pesquisa um deslocamento geográfico, por meio do gênero, no estudo autobiográfico (traduzido) da figura de Antonio de Erauso, a freira Alférez. A partir da tradução que os próprios autores realizam em português brasileiro da autobiografia dessa figura histórica, Pilger e de Oliveira assumem uma perspectiva histórico-crítica no papel de tradutores com o objetivo de desvendar as possibilidades discursivas do texto quando se trata de ressignificar a identidade de gênero que, tradicionalmente, tem sido atribuída a essa personagem. Com base em um profundo arcabouço teórico ancorado nos estudos *queer* de tradução e utilizando tanto elementos paratextuais quanto fragmentos da obra, os autores entendem as diferentes versões (em português, mas também outros dois manuscritos originais em espanhol) como um palimpsesto que libera as possibilidades de enunciação sobre a fluidez do gênero de Erauso. A comparação entre o texto original em espanhol, a versão em português brasileiro e uma terceira em inglês promove um diálogo que indica as diferentes soluções tradutórias em cada texto e as assimetrias que podem ser localizadas entre elas.

O artigo de Luis Serrano Paucarmayta, intitulado “*Wifalas* de la comunidad de

Ccoyllorpuquio de la provincia del Cusco, Perú: un trayecto en la traducción de lo liminal”, parte de uma abordagem ampla de tradução ao entender a *wifala* como o resultado de diversos processos de reescrita. Essas figuras, representações femininas sempre interpretadas por homens, tornam-se, como defende o autor, espaços liminares que possibilitam transições sociais e culturais, ou seja, veículos simbólicos para a transmissão de saberes e costumes. A natureza ontológica dessa forma de comunicação em que o corpo da mulher e sua vestimenta adquirem uma transcendência particular não encontra, como expõe Serrano, uma relação direta com as cosmologias ocidentais. De fato, conforme destacado por Paucarmayta, não existe paralelismo entre as *wifalas* e os homens e mulheres, sendo elas concebidas como um terceiro grupo que participa de uma celebração anual na qual a representação dessa figura flui e sobrevive como uma performance que é reescrita a meio caminho entre a mudança e a adaptação.

Em “Cross-cultural comparability of queer and trans: Unpredictable adaptations from within ‘the West’”, Konstantinos Argyriou investiga o uso e a persistência de anglicismos em outras línguas ao definir e conceituar identidades não binárias ou trans. Ao longo dessa pesquisa, o autor aponta como, em muitas ocasiões, a visão anglocêntrica da teoria *queer* e dos estudos de gênero favoreceu um uso imperialista da linguagem que continua privilegiando as vozes em inglês para se referir a esses grupos. Como consequência, Argyriou expõe que as identidades não normativas ligadas ao gênero e à sexualidade continuam se configurando em torno das fronteiras que delimitam as noções ocidentais a esse respeito, com as consequências socioculturais que implicam o desenraizamento do uso de estrangeirismos em tais (auto) definições. Em seu estudo, o autor aborda dois casos atuais: o assassinato de um ativista *queer* grego e o debate sobre a aprovação da chamada Lei Trans na Espanha. Em ambos os cenários, o autor mostra como as tensões derivadas de usos linguísticos estrangeiros ou próprios para

descrever a sexualidade e o gênero condicionam a luta social nos discursos públicos desses países e mostram, mais uma vez, que a tradução e a mediação interlinguística se convertem em um espaço de negociação para o reconhecimento, o avanço e a reflexão sobre o tema.

O inglês entendido como “língua *queer*” serve de pano de fundo para a investigação que Gonzalo Iturregui Gallardo apresenta sobre a tradução do catalão para o inglês do romance *Permagel* (Eva Baltasar). No artigo “*Permagel/Permafrost: Lesbian Desire and its Translation*”, a partir de uma revisão teórica interdisciplinar que combina vozes canônicas com as mais recentes premissas acadêmicas tanto do feminismo quanto dos estudos de gênero e da teoria *queer*, o autor examina a construção do desejo lésbico na obra literária para localizar os pontos de fuga em que convergem as soluções linguísticas a partir das quais se recriam as representações *queer* e, assim, detectar se um olhar patriarcal pode ser percebido por trás do discurso. A comparação entre o texto de partida e o texto de chegada contribui para elucidar os objetivos da pesquisa: a análise léxico-discursiva dos fragmentos selecionados permite ao autor enfatizar o caráter *queer* da obra e encontrar elementos de resistência contra formas normativas e androcêntricas ao mesmo tempo em que observa como uma língua minoritária, como o catalão, pode influenciar uma língua dominante, como o inglês, através da reescrita.

As próximas duas contribuições do dossiê temático encaixam-se no âmbito da tradução audiovisual. Primeiramente, Willian Henrique Cândido Moura e Luciana Iost Vinhas apresentam a partir de um enfoque lexicográfico a tradução do verbo *to serve* do inglês para o português brasileiro no programa *RuPaul's Drag Race*. Em seu artigo “‘But, bitch, I’m still serving it’. Subtitling a Drag Language Verb in *RuPaul's Drag Race* into Brazilian Portuguese: New Meanings, Old Words”, os pesquisadores usam a tradução para analisar tanto as refrações semânticas que ocorrem na transferência linguística quanto no discurso drag como uma

reformulação anti-hegemônica diante da norma institucionalizada nos dicionários. Após realizarem um percurso teórico pela criação e configuração do discurso drag, e pelas complexidades decorrentes de sua tradução no meio audiovisual, os autores apresentam o corpus de trabalho português-inglês para revelar as diferenças que fundamentam o uso do verbo analisado nas duas versões. Por sua vez, no artigo “Localizar lo *queer*: una lectura demasiado atenta de *Undertale*”, Robert Martínez-Carrasco e René Báez Humanes apresentam uma nova pesquisa compreendendo os videogames como potenciais artefatos *queer* em que tanto o questionamento da norma quanto a própria estrutura, roteiro e linearidade do jogo, bem como a aceitação do fracasso, no sentido discutido por Halberstam (2011), servem como uma forma de se opor às estagnadas estruturas cisheteropatriarcais às quais, por definição, o *queer* se opõe. Esse potencial de descoberta de novas brechas que podem ser lidas sob o signo do *queer* implicará inevitavelmente em uma série de desafios na localização dessas obras para novos públicos linguísticos. O artigo toma o jogo *Undertale* como ponto de partida para mapear novas estruturas narrativas, linguísticas e ludológicas que questionam, na chave da arte *queer* do fracasso, o paradigma tradicional dos videogames. Dessa forma, as conclusões da pesquisa indicam que a tradução desse conteúdo apela para a reflexão e o posicionamento crítico diante da tarefa de reescrever buscando novos patamares sociais e culturais, com as consequências e a responsabilidade de oferecer novas experiências de jogo.

O artigo que encerra a edição é de autoria de M. Rosario Martín Ruano, “La identidad (sexual) de las subjetividades interseccionales como operación dialógica transcultural: análisis de *Carmen y Lola* desde una perspectiva postraductológica”. A pesquisa interdisciplinar apresentada pela autora se enquadra no enfoque recente dos estudos de pós-tradução e coloca o foco de seu artigo na recriação de identidades interseccionais como produto de reescritas transculturais. Baseado em um arcabouço

teórico sobre a construção de formas identitárias de processos tradutórios, Martín Ruano concebe o filme *Carmen y Lola* a partir de uma perspectiva (pós)tradutológica em que as protagonistas, mulheres lésbicas ciganas, surgem como o resultado da sobreposição de discursos midiáticos em um contexto de interação e comunicação global. Desse modo, os diversos fragmentos do filme que integram o artigo dão conta de como a mensagem do longa-metragem e as identidades de Carmen e Lola são expostas a um processo de reconfiguração e ressemantização que atuam como potenciais vetores para dar visibilidade a outros significados, outras configurações identitárias e outras possibilidades sociais.

A edição também inclui resenhas de dois livros recentemente publicados de grande importância no âmbito dos estudos da tradução do gênero e dos estudos *queer* da tradução. Agradecemos a Núria Molines Galarza por ter resenhado a antologia de textos de Barbara Godard (2021), *Translation, Semiotics, and Feminism*, editada por Eva C. Karpinski e Elena Basile. Agradecemos também a Ángel Castelló Marín por preparar a resenha do livro de Brian Baer (2021), *Queer Theory and Translation Studies*.

## Referências

- Aldrich, R., & Wotherspoon, G. (Eds.). (2001). *Who's who in contemporary gay and lesbian history* (Vol. 2 From World War II to the present day). Routledge.
- Alós, A. P. (2020). Traduzir o queer: uma opção viável? *Revista Estudos Feministas*, 28(2), p. 1–11. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260099>
- Baer, B. J. (2020). On origins: the mythistory of translation studies and the geopolitics of knowledge. *The Translator*, 26(3), 221–240. <https://doi.org/10.1080/13556509.2020.1843755>
- Baer, B. J. (2021). *Queer theory and translation studies. Languages, politics, desire*. Routledge. <https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9781315514734>
- Baer, B. J., & Massardier-Kenney, F. (2015). Gender and sexuality. En C. Angelelli & B. J. Baer (Eds.), *Researching translation and interpreting* (pp. 83–96). Routledge.
- Brems, E., & McMartin, J. (2020). The polyphony of periodicals. James S Holmes and Delta. En L. Fóllica, D. Roig-Sanz, & S. Caristia (Eds.), *Literary translation in periodicals. Methodological challenges for a transnational approach* (pp. 331–346). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/btl.155.14bre>
- Brems, E., & McMartin, J. (2021). The voices of James Stratton Holmes. En K. Kaindl, W. Kolb, & D. Schlager (Eds.), *Literary translator studies* (pp. 249–264). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/btl.156.13bre>
- Brufau Alvira, N. (2010). Interviewing Louise von Flotow. A new state of the art. *Quaderns. Revista de traducció*, 17, 283–292.
- Ceballos Muñoz, A. (2005). Teoría rarita. En D. Córdoba, J. Sáez, & P. Vidarte (Eds.), *Teoría queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas* (pp. 165–177). Egales.
- Falconi Trávez, D., Castellanos, S., & Viteri, M. A. (2014). Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur. En D. Falconi Trávez, S. Castellano, & M. A. Viteri (Eds.), *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el Sur*. Egales.
- Fonseca Hernández, C., & Quintero Soto, M. L. (2009). La teoría queer: la de-construcción de las sexualidades periféricas. *Sociológica*, 69, 43–60.
- Godard, B. (2021) *Translation, semiotics, and feminism. Selected writings of Barbara Godard*. E. C. Karpinski & E. Basile (Eds.). Routledge.
- Gentzler, E. (2001). *Contemporary translation theories*. Multilingual Matters.
- Halberstam, J. (2011). *The queer art of failure*. Duke University Press.
- Halberstam, J. (2018). *El arte queer del fracaso* (J. Sáez del Álamo, Trad.). Editorial Egales.
- Harvey, K. (1998). Translating Camp Talk. *The Translator*, 4(2), 295–320. <https://doi.org/10.1080/13556509.1998.10799024>

- Harvey, K. (2000). Gay community, gay identity and the translated text. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 13(1), 137–165. <https://doi.org/https://doi.org/10.7202/037397ar>
- Hermans, T. (1985). Introduction. Translation studies and a new paradigm. En T. Hermans (Ed.), *The manipulation of literature. Studies in literary translation* (pp. 7–11). Croom Helm.
- Holmes, J. (1977). *9 Hidebound rimes*. The Pink Triangle Poems.
- Holmes, J. S. (1988). *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Rodopi.
- Holmes, J. S. (1989). Translating Martial and Vergil: Jacob Lowland among the classics. En D. Weissbort (Ed.), *Translating poetry. The double labyrinth* (pp. 57–72). The Macmillan Press.
- Jones, F. R. (2018). Biography as network-building: James S. Holmes and Dutch-English poetry translation. En J. Boase-Beier, L. Fisher, & H. Furukawa (Eds.), *The Palgrave handbook of literary translation* (pp. 309–332). Palgrave Macmillan.
- Keenaghan, E. (1998). Jack spicer's pricks and cocksuckers: Translating homosexuality into visibility. *Translator*, 4(2), 273–294. <https://doi.org/10.1080/13556509.1998.10799023>
- Keilson-Lauritz, M. (2001). James S Holmes. En R. Aldrich & G. Wotherspoon (Eds.), *Who's who in contemporary gay and lesbian history* (Vol. 2. From World War II to the present day). Routledge.
- La Fountain-Stokes, L. (2007). Queer Ducks, Puerto Rican Patos, and Jewish American Feygelekh: Birds and the cultural representation of homosexuality. *CENTRO Journal*, 19(1), 192–229.
- La Fountain-Stokes, L. (2021). *Translocas. The politics of Puerto Rican Drag and Trans performance*. University of Michigan Press.
- Lambert, J. (2022). The position of James Holmes in translation studies. In *50 years later. What have we learnt after Holmes (1972) and where are we now?* (pp. 38–68). Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.
- Larkosh, C. (2011). Introduction. Re-Engendering translation. En C. Larkosh (Ed.), *Re-Engendering translation. transcultural practice, gender/sexuality and the politics of alterity* (pp. 1–9). Routledge.
- Larkosh, C. (2022). James S. Holmes, estudos da tradução e a ética queer da primeira pessoa (Trad. A. L. L. M. Berndt). *Cadernos de Tradução*, 42(1), 1–28. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e82726>
- Leuven-Zwart, K. M., & Naaijken, T. (1991). *Translation studies: The state of the art. Proceedings of the First James S. Holmes symposium on translation studies*. BRILL. <https://doi.org/10.1163/9789004488106>
- Llamas, R. (1998). *Teoría torcida. Prejuicios y discursos en torno "a la homosexualidad"*. Siglo XXI.
- López, Á. (2022). Trans(de)letion: Audiovisual translations of gender identities for mainstream audiences. *Journal of Language and Sexuality*, 11(2), 217–239. <https://doi.org/10.1075/jls.20023.lop>
- Lowland, J. (1978). *The gay stud's guide to Amsterdam and other sonnets*. C. J. Arts.
- Lugarinho, M. C. (2001). Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. *Revista Gênero*, 1(2), 36–46. <https://doi.org/10.22409/rg.v1i2.362>
- Martínez Pleguezuelos, A. J. (2018). *Traducción e identidad sexual. Reescrituras audiovisuales desde la teoría queer*. Editorial Comares.
- Martínez Pleguezuelos, A. J. (2022). Traducir en la hos(ti)pitalidad: el lenguaje no binario en los productos de ficción actuales. *Cadernos de Tradução*, 42(1), 1–23. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e89680>
- McMartin, J. (2020). James Stratton Holmes. Leather daddy van de vertaalwetenschap. *Deus Ex Machina*, 173, 24–30.
- Mira, A. (1998). Pushing the limits of faithfulness a case for gay translation. En J. Boase-Beier (Ed.), *The practices of literary translation: Constraints and creativity*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315539737-13>
- Mira, A. (2004). After Wilde: Camp discourse in Hoyos and Retana, or the dawn of

- Spanish gay culture. *Journal of Spanish Cultural Studies*, 5(1), 29–47. <https://doi.org/10.1080/1463620032000173769>
- Mira, A. (2008). *Miradas insumisas*. Egales.
- Munday, J., Ramos Pinto, S., & Blakesley, J. (2022). *Introducing translation studies* (5.<sup>a</sup> ed.). Routledge.
- Munday, J., & Vasserman, E. (2022). The name and nature of translation studies. A reappraisal. *Translation and Translanguaging in Multilingual Contexts*, 8(2), 101–113. <https://doi.org/10.1075/ttmc.00089.mun>
- Pelúcio, L. (2014). Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Revista Periódica*, 1(1), 68–91. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i1.10150>
- Pereda, F. (2004). *El cancanéo. Diccionario petardo de argot gay, lesbi y trans*. Laertes.
- Pierce, J. M., Vitieri, M. A., Falconi Trávez, D., Vidal Ortiz, S., & Martínez-Echázabal, L. (2021). Queer/cuir de las Américas: traducción, colonialidad y lo inconmensurable. *En Un Lugar Sin Límites. Revista de Estudios y Políticos de Género*, 5, 1–20.
- Pym, A. (2018). Where translation studies lost the plot. Relations with language teaching. *Translation and Translanguaging in Multilingual Contexts*, 4(2), 203–222. <https://doi.org/10.1075/ttmc.00010.pym>
- Robinson, D. (2019). *Transgender, translation, translingual address*. Bloomsbury.
- Rodríguez, F. (2008). *Diccionario gay-lésbico. Vocabulario general y argot de la homosexualidad*. Gredos.
- Sáez, J. (2004). *Teoría queer y psicoanálisis*. Editorial Síntesis.
- Sáez, J. (2017). Queer. In R. L. Platero, M. Rosón, & E. Ortega (Eds.), *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Edicions Bellaterra.
- Sáez, J., & Carrascosa, S. (2011). *Por el culo. Políticas anales*. Egales.
- Saxe, F. (2022). Acerca del término queer y sus derivas latinoamericanas: contra el relato Norte-Sur y la supuesta importación teórica. *Belas Infieis*, 11(2), 1–17.
- Segato, R. L. (2010). *Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos* (2.<sup>a</sup> ed.). Prometeo Libros.
- Snell-Hornby, M. (2006). *The turns of translation studies: New paradigms or shifting viewpoints?* John Benjamins Publishing Company.
- Spoturno, M. L. (2022). Ethos colectivo, redes de lucha y prácticas de escritura y (auto)traducción en colaboración: *El caso de Revenge of the Apple / Venganza de la manzana*, de Alicia Partnoy. *Revista Letral*, (28), 46–72. <https://doi.org/10.30827/rl.vi28.21366>
- Schwindt, L. C. (2020). Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, 19(1), 1–23. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1709>
- Venuti, L. (Ed.) (2021). *The translation studies reader* (4.<sup>a</sup> ed.). Routledge.
- Vidal, Á. (2015). Traducir al atravesado. *Papers*, 100(3), 345–363. <https://doi.org/10.5565/rev/papers.2143>
- Villanueva-Jordán, I. (2019). Abrir paso a las masculinidades gais en la traductología. *Asparkia. Investigació Feminista*, 35, 129–150. <https://doi.org/10.6035/Asparkia.2019.35.7>
- Villanueva-Jordán, I., & Martínez-Carrasco, R. (2021). Agency, paratextuality, and Queer pedagogy: Analyzing Javier Sáez del Álamo's translator's notes. *Perspectives*. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2021.1974061>
- Villanueva-Jordán, I., & Martínez Pleguezuelos, A. J. (2022). Trans\* representations and translations: Two pictures, two spaces, two moments. En F. Carrero & L. Mejias (Eds.), *New perspectives in audiovisual translation towards future research trends* (pp. 73–95). Universitat de Valencia.
- Villanueva-Jordán, I., & Molines Galarza, N. (2022). Deconstruir, traducir, deformar, crear, repensar los discursos acerca del género. *Asparkia. Investigació Feminista*, 41, 15–27. <https://doi.org/10.6035/asparkia.6856>
- von Flotow, L. (2009). Contested gender in translation: intersectionality and metramorphics.

*Palimpsestes*, 22, 245-256. <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.211>

Weissbort, D., & Eysteinson, A. (Eds). (2006). *Translation—Theory and practice. A historical reader*. Oxford University Press.